

MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



TEATRO - ESTÚDIO
ANTÓNIO ASSUNÇÃO



38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02-25 de Julho de 2021

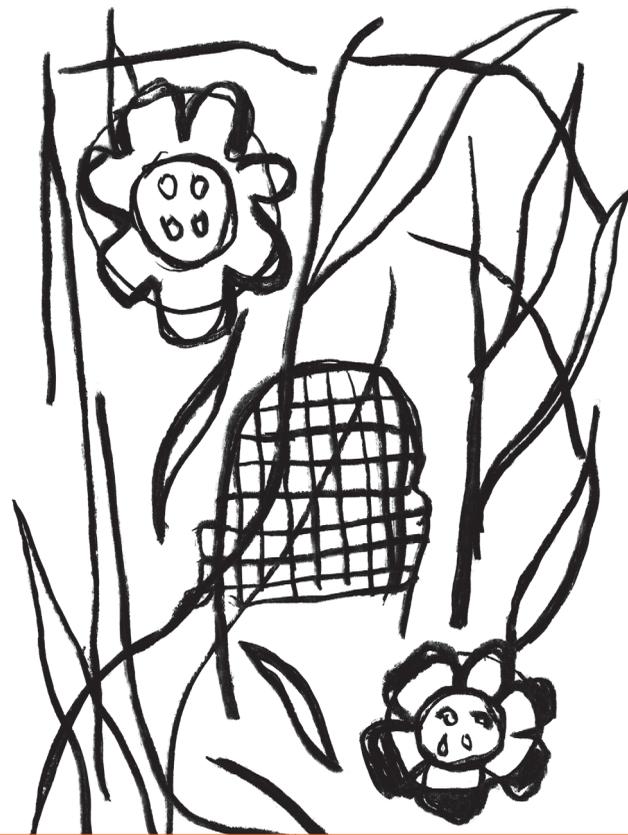


Imagem: Thomas Langley

Chico Diaz
(Brasil)

A Lua vem da Ásia

De Walter Campos de Carvalho
Encenação de Chico Diaz

Incrível Almadense (Almada)

Salão de Festas

Qua. **14**, Qui. **15**, Sex. **16** e Sáb. **17** de Julho às **20h30**

Dom. **18** às **15h** e às **20h30**

Duração: 75 min. • Classificação etária: M/12

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Adaptação e interpretação

Chico Diaz

Figurinos

Maria Diaz

Preparação voz

Rose Gonçalves

Vídeos

Eder Santos

Trem Chic

Banda sonora

Alfredo Sertã

Director de produção

Wagner Uchôa

Viajar sem sair do quarto

Em mais de 40 anos de carreira, Chico Diaz nunca tinha interpretado um monólogo, até estrear este espectáculo. Com uma carreira celebrada quer no cinema, quer na televisão, quer no teatro, o actor só passou pela experiência de estar sozinho em cena com a subida ao palco de *A luz vem da Ásia*. Publicada em 1956, esta obra está estruturada como o diário de um homem hospedado num hotel de luxo — ou talvez se trate de um campo de concentração, ou de um manicómio. Desenhando elipses verbais em torno do tema da loucura, este homem alinha recordações (ou serão alucinações?) das suas passagens por vários países, tornando-se narrador de um mundo regido pelas leis do absurdo — mas assustadoramente semelhantes à nossa dita normalidade.

Aquando da sua estreia, *A lua vem da Ásia* registou um acolhimento entusiasta tanto por parte do público como da crítica: “Uma encenação diáfana” (*Estado de São Paulo*); “Um triunfo de Chico Diaz, que brilha como sujeito múltiplo” (*Folha de São Paulo*); “O pequeno Chico vira gigante em cena” (*Correio Braziliense*). O tema do romance de que foi extraído este monólogo consiste na capacidade de o Homem pensar livremente. Esta personagem-limite, encerrada num eu-enunciador, inicia um ambicioso projecto de libertação através da sua própria linguagem — a única coisa que lhe resta —, revelando o complexo comportamento da sociedade ocidental, marcado pelo isolamento, pela perda da ideia de “colectivo”, e pela fragmentação do indivíduo.

A adaptação para teatro desta narrativa de Walter Campos de Carvalho assentou num longo e minucioso trabalho de actor, que contou com a supervisão dramaturgica de Aderbal Freire. Trata-se de um texto ímpar, com imensas possibilidades cénicas, que são exploradas por Chico Diaz através de uma técnica corporal precisa e de uma vasta gama de recursos interpretativos. A escrita cénica aponta caminhos que fazem com que o texto chegue facilmente ao público, alternando situações de humor com momentos tocantes, subtis e delicados. O espectáculo propõe-nos essa tal viagem que o teatro tão bem proporciona: reflectir, com inteligência, sobre o Mundo em que vivemos, com as suas indagações, as suas perplexidades e as suas contradições. De forma a que, conscientes da fragilidade da vida, fi-quemos mais dispostos a dar-lhe o devido valor.